

Doutrinas Compartilhadas: a Comunidade Judaica de Qumran e Comunidades Paulinas

Shared Doctrines: The Qumran Jewish Community and The Pauline Communities

Fernando Mattioli Vieira^{a*}

Resumo

A partir do ano de 1947, com a descoberta dos manuscritos do mar Morto, tivemos a inclusão de um rico material literário que tem ajudado os estudiosos de hoje a preencher muito do vazio histórico existente no período de nascimento do cristianismo. As propostas que durante muito tempo foram limitadas e outras vezes nunca questionadas, passam ultimamente por ampla revisão que tende a trazer resultados mais fidedignos sobre o ambiente originário das comunidades cristãs. Neste artigo serão ressaltadas algumas das relações existentes entre comunidades essênias (principalmente Qumran) e as ligadas ao apóstolo Paulo.

Palavras-chave: Manuscritos do mar Morto. Novo Testamento. Comunidades Paulinas.

Abstract

Starting from the year of 1947 with the discovery of the Dead Sea Manuscripts, we had the inclusion of a rich literary material that has been helping the specialists to fill out a lot of the existent historical emptiness in the period of the Christianity birth. The proposals for a long time were limited and sometimes never questioned, they are passing lately by a wide revision that tends to bring more trustworthy results about the original environment of the Christian communities. In this article some of the existent relationships among esenes communities (mainly Qumran) and those Christians communities linked to the Paul apostle will be pointed out.

Key-words: Dead Sea Manuscripts. New Testament. Pauline Communities.

^a Mestre em História - Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: khirbet.qumran@gmail.com.

* Endereço para correspondência: Paschoal Antônio Pachioni, 38 Bairro: Palazzi. CEP: 19780-000. Quatá - SP.

1 Introdução

Desde a descoberta dos *manuscritos do mar Morto*,¹ muito se escreveu sobre as influências que estes possivelmente teriam legado aos primeiros cristãos. Tendo como certo que algumas dessas influências de fato ocorreram, rompe-se a idéia de que a grande maioria das práticas comunitárias cristãs tenham sido inovadoras. Antes disso, seriam na verdade fruto de “apropriações” e/ou “adaptações”. Com o avanço significativo das pesquisas acerca desses manuscritos iniciado há pouco tempo atrás, temos a oportunidade de fazer uma ampla revisão de teses legadas por autores menos criteriosos ou tendenciosos. O primeiro passo que imprimo como norte aqui, para não repetir equívocos costumeiros, é a delimitação da fonte bíblica, dando primazia aos escritos do apóstolo Paulo e em segundo plano às epístolas redigidas por aqueles à sua volta. Quanto aos MQ, seleciono aqueles manuscritos que contêm composições literárias hinárias, sobretudo o texto 1QHoadyot (1QHinos de Ação de Graças). Certamente,

uma análise mais acurada do material sectário favorece uma melhor compreensão do ambiente palestino por volta dos séculos II a.C. até meados do século I d.C. e quais os limites de convergência entre o material manuscrito de Qumran e o estrato cristão ligado ao apóstolo Paulo.

2 Os Manuscritos de Qumran e o *Corpus Paulinum*²

No ano de 1947, no deserto da Judéia, um jovem pastor beduíno fez uma descoberta casual de manuscritos antigos escondidos em jarros de barro dentro de uma gruta. Após o fato tornar-se conhecido por outros beduínos e posteriormente pelas autoridades governamentais, uma busca incessante ocorreu para que fossem descobertas mais grutas contendo material manuscrito. Mais dez grutas foram descobertas por beduínos e arqueólogos até o ano de 1958. A maioria dessas grutas possuía manuscritos que foram divididos posteriormente entre manuscritos bíblicos e “manuscritos de seita”, redigidos em sua maioria dentro e para a comunidade. Entrementes, tornou-se claro que havia associação entre as grutas, os manuscritos, e um complexo de ruínas conhecido, mas até então ignorado, localizado a cerca de 2 km do mar Morto, chamado atualmente pelo nome árabe *Khirbet Qumran*.

A maior parte dos estudiosos concorda que os que habitaram

¹ “Manuscritos do mar Morto” ou “manuscritos do deserto da Judéia” (ou “Judá”) é o nome genérico atribuído a uma ampla gama de textos descobertos na região do mar Morto. São oriundos de sítios diferentes e de períodos diferentes. Doravante, utilizarei a expressão *Manuscritos de Qumran* (MQ) para designar os descobertos em Qumran e para dar maior particularização aos textos, uma vez que são apenas estes os usados neste trabalho. Dentre todas as coleções de textos encontradas na região do mar Morto, a mais abundante e significativa provém de Qumran.

² As epístolas que certamente foram redigidas por Paulo são 1 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Romanos, Filêmom e Filipenses. As controversas, mas que provavelmente estiveram ligadas aos seus círculos foram 1 e 2 Timóteo, Tito, Hebreus, 2 Tessalonicenses, Colossenses e Efésios.

esse sítio pertenciam a uma facção judaica chamada essenismo³. Através dos registros bíblicos, sabemos que existiam duas correntes judaicas no século I d.C., conhecidas como *fariseus* (Atos 15:5; Lucas 15:2) e *saduceus* (Atos 4:1; Marcos 12:18; Mateus 3:7). Flávio Josefo (c. 37-95 d.C.), historiador judeu que legou dados importantes sobre a sociedade judaica de seu período, coloca ao lado dos fariseus e dos saduceus uma terceira corrente judaica, conhecida como *essênios* (*Guerra dos Judeus* II, 119-61; *Antiguidades Judaicas* XVIII, 18-22). Este ramo judaico muito provavelmente possui sua origem com o movimento dos *assideus* (do hebraico *hassidim*, que significa “os piedosos”), grupo religioso que se engajou na luta ao lado dos macabeus (168-142 a.C.) contra Antíoco Epifânio, rei dos selêucidas da Síria (1Macabeus 2:42-43). O motivo desse conflito deve-se ao amplo programa de helenização da Judéia proposto pelos selêucidas após a conquista da região aos ptolomeus do Egito. Após retomada a autonomia dos judeus sob a liderança dos macabeus, um grupo de essênios descontente com essa dianteira rumo para Qumran, a fim de lá criar uma *‘edáh* (comunidade) pura aos olhos de Javé (cf. Documento de Damasco 1:10-12). Durante os anos em que a comunidade esteve em atividade, desenvolveram-se doutrinas bastante peculiares em seu seio. Várias dessas possuem grande proximidade com as encontradas em escritos cristãos, da qual podemos destacar algumas existentes nas epístolas do apóstolo Paulo.

As primeiras epístolas paulinas começaram a ser compostas enquanto a comunidade de Qumran estava plenamente ativa. No ano de 68 d.C., data em que o assentamento foi destruído pelos romanos, presume-se que Paulo já havia redigido os primeiros escritos que viriam posteriormente a compor o Novo Testamento⁴.

Muitas das contribuições paulinas ao cristianismo são resultadas de sua ampla experiência de vida pessoal. Um período de extrema importância foi o de sua iniciação no Evangelho por comunidades cristãs variadas (Atos 9). Só depois desse estágio é que Paulo trocava experiências e em seguida influenciaria algumas dessas comunidades cristãs. As próprias epístolas paulinas provam isso. O professor Woodruff aponta para importantes elementos comprobatórios de que doutrinas paulinas possuíam uma “pré-história”. O autor identifica que:

- ele (Paulo) diz que “recebeu” uma tradição;
- ele corrige uma prática existente;
- ele se refere a uma doutrina ou prática que ele aceita, mas que não tem vocação para promover;
- o ensino dele é semelhante ao de Jesus;
- ele se refere a uma doutrina ou prática cristã que não aparece nas tradições sinóticas (1995, p. 80).

Estes são indícios bíblicos sutis que demonstram o quanto Paulo esteve engajado com comunidades cristãs antes da redação das epístolas que chegaram até nós. Igrejas pré-paulinas existentes em locais como Damasco, Síria, Jerusalém e Ásia Menor certamente estiveram por muito ou pouco tempo em contato com Paulo, como podemos depreender de suas epístolas.

Essas comunidades cristãs ainda não possuíam uma identidade formada. Antes, construíram-se lentamente, inclusive com apropriação e ressignificação de elementos oriundos de outras correntes de pensamento. Desse modo, essas comunidades podem ser consideradas menos “cristãs” do que se imagina, aproximando-se mais de uma organização sectária. O fato de terem nascido de dentro do Judaísmo não seria o único condicionante para caracterizar as comunidades cristãs como “seita”. Ainda com Woodruff podemos ver outra consideração interessante sobre isso. Para ele, ao levar em consideração fatores como: “*iniciação de adeptos num ritual; assembléias ou reuniões regulares, (...) obrigações morais, que podiam ser exigentes ou até ascéticas; obediência obrigatória ao líder e tradições e disciplinas arcanas*”; algumas das comunidades nascentes cristãs podem ser comparadas com as “*religiões de mistério*” (1995, p. 79), enquadrando-se Qumran e outras comunidades essênias nessa perspectiva.

As comunidades essênias, da mesma maneira como as comunidades cristãs, não compunham um movimento homogêneo. Temos indícios que nos ajudam a compreender o quanto o essenismo foi um movimento múltiplo e com características que, por mais que sutis, provam a existência de disparidades. Josefo disse que havia uma parcela de essênios que enviava sacrifícios ao Templo (*Antiguidades Judaicas* XVIII, 5). Essa era uma prática abolida pelos essênios de Qumran, já que o Templo de Jerusalém, segundo eles, havia sido profanado. É provável também que os essênios residentes nas cidades tinham uma postura bem menos radical para com o ambiente em que habitavam.

Por assim ser, a proximidade entre as estruturas das comunidades cristãs, essênias e Qumran⁵ (e possivelmente outras), propiciava que houvesse a entrada de ideais essênios dentro das comunidades cristãs – uma vez que as comunidades essênias gozavam de maior consolidação estrutural – com menos dificuldades do que se pode imaginar. Estes acabaram penetrando em seu seio de forma bastante sutil e se solidificaram com o passar do tempo. A literatura hinária encontrada em Qumran, nessa perspectiva, pode ser considerada como um dos principais “fios-condutores” responsáveis por esta conexão,

3 No entanto, alguns como o professor Lawrence Schiffman acreditam que os que habitaram o assentamento foram na verdade saduceus (SHANKS, 1993). Gabrielle Boccaccini, em uma obra muito questionada (*Beyond the Essene Hypothesis*, 1998), acredita que Qumran foi habitado por um grupo judeu extremista de identidade desconhecida. Apesar de haverem teorias divergentes a respeito daqueles que habitaram Qumran (de que eram saduceus, zelotas, judeus-cristãos, ou até de que Qumran seria apenas um “centro produtor de cerâmica” ou uma espécie de “colônia de férias” de famílias judaicas abastadas), sigo a linha dos principais estudiosos, entre eles Frank Moore Cross, que atribuem seus habitantes como essênios.

4 O escrito cristão mais antigo que compõe o Novo Testamento é a primeira epístola aos Tessalonicenses. Sua datação remete de forma consensual a 51 d.C.

5 Seguindo a linha do erudito bíblico Geza Vermes (1997), Qumran na verdade seria um centro difusor essênio e não uma espécie de “fenômeno marginal” como alguns apontam.

já que a dispersão de textos hinários alcançava limites ainda maiores (VIEIRA, 2008, p. 47-54).

Entre os casos que podemos citar encontra-se o do conceito de *pobreza*. Esse conceito pode ser melhor entendido quando trabalhado à luz da terminologia “*pobres de espírito*”, encontrada em Mateus 5:3.⁶ O termo *pobres de espírito*, representado pela expressão hebraica ‘*anwê ruah*, já era utilizado nos hinos do mar Morto antes da composição do livro de Mateus e das epístolas paulinas (e.g. 1QHodayot 6:3⁷). A expressão procura enfatizar a simplicidade e a humildade frente a um *espírito da perversão* (1QHodayot 5:21), termo esse utilizado para representar aqueles que não se enquadravam nos ditames da seita de Qumran.

Nos hinos de Qumran deparamo-nos diversas vezes com termos relacionados à *pobreza*, representando sempre um espírito brando, humilde. A palavra ‘*ebyôn* (pobre), é a mais frequente entre as que procuram representar a pequenez do homem. Em 1QHodayot ela é encontrada nos versículos 10:32, 11:25, 13:16 e no fragmento 16:3 (=3:3). Em outros momentos está associada a outros termos como “*alma do pobre*” (13:18) e “*pobres da misericórdia*” (13:22). Além de ‘*ebyôn*, deparamo-nos com termos correlatos como ‘*anaw* (13:21), que se refere a *humilde, desamparado, oprimido* (traduzido por Martínez em 6:3 como “*pobres de espírito*”). Outros semelhantes são ‘*anawâ* (5:22; *humildes, modestos*), ‘*anî* (9:36; 10:34; 13:13-14; *miseráveis, oprimidos*), *yatôm* (13:20; *órfão*), *petî* (10:9; 5:2; *simples, ingênuos, cândidos, inocentes*), e ainda *ra’s* e *nimharîm* com sentidos parecidos. Norbert Lohfink, após analisar o hino 1QHodayot 10:31-36 (2001, p. 69-77), onde existe um dualismo de palavras muito forte que retratam as divergências entre a ‘*edâh* (comunidade de Qumran) e Israel, chegou à conclusão de que

o conjunto indica que o elemento da pobreza não é introduzido para designar o orante na sua pequenez perante Deus, mas por causa da sua marginalização social. Aqui está um indivíduo isolado, combatido, perseguido contra a comunidade de Israel oficial e numerosa que não poupa nenhum meio contra ele (2001, p. 73).

Esse comentário atenta ao ponto central, a “*marginalização social*” sofrida pelos sectários de Qumran às mãos de Israel. Um fato como esse era absorvido pela comunidade, ajudando a legitimar as doutrinas criadas por seus líderes e ao mesmo tempo reforçava os laços comunitários. Desse modo, de uma questão originalmente secular, a doutrina da pobreza teve desenvolvimento particular à seita. Em outras passagens

de 1QHodayot, juntamente com as expressões *pobre* e *afrito*, vemos sentenças como “*daí a aliança para os que a buscam*” (1QHodayot 13:9). Isso mostra que o ponto de vista qumranico, de se autodenominarem como sendo os ‘*ebyônim*, possui um caráter social atrelado ao teológico.⁸ O fato citado acima sobre a importância da “*aliança para os que a buscam*” ressalta o valor da existência física da comunidade como refúgio espiritual daqueles que procuram não mais habitar entre o Israel maculado.

O apóstolo Paulo dá a mesma importância à *pobreza*, no entanto, trabalha essa questão não apenas no aspecto social, mas aprimora este conceito a um nível mais abrangente. Essa complexidade ocorre quando Paulo utiliza a *pobreza* não só para dar reconhecimento aos cristãos dentro do meio social, como os de Qumran faziam; mas reforçando a relação vertical – dos homens para com Deus. Em partes de suas epístolas é possível encontrar esse ideal sendo exposto juntamente com seu dualismo. Estrofes como “*não como aquilo, mas sim como isso*”, exprimem dualidade similar às utilizadas em Qumran. Quando Paulo diz aos coríntios: “*em todas as coisas nos mostramos como ministros de Deus... como tristes, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como não tendo nada, mas possuindo a tudo*” (2Coríntios 6:4-10), percebe-se bem como ele dá maior importância à condição dos despossuídos tanto em aspecto material como espiritual. Certamente, com o cristianismo expandindo-se primeiramente entre aqueles desprovidos de condição financeira, era importante a advertência de Paulo ao instar que o materialismo não era um caminho que levava a Deus. Esse era um conselho muito inteligente para o fortalecimento das comunidades cristãs que, à medida que passavam por provações, conscientizavam-se de que aquilo era necessário para a redenção (1Coríntios 1:8-12).

A presença da palavra *pobre* nos textos paulinos, por si só, não cria uma analogia com os escritos qumranicos. É perceptível que Paulo utiliza o conceito de *pobreza* fazendo uso de termos similares aos usados no mar Morto e empregando-os aos primeiros cristãos, mas o que demonstra maior proximidade entre a doutrina paulina e a qumranica é sua orientação teológico-social, que percorre o mesmo caminho. Para Paulo, os *humildes*, os *sofredores*, *atribulados*, e até *marginalizados* eram os primeiros cristãos. Assim, pode-se ver onde existe a ideia de *pobreza* em sentido espiritual retratada por Paulo.

O uso de certos vocábulos – embora insuficientes se forem

6 Nas citações bíblicas do Novo Testamento utilizo a Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1995. Para a citação de termos encontrados no Antigo Testamento uso Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Deutsche Bibelgesellschaft Stuttgart, Stuttgart, 1984.

7 Para a citação dos textos de Qumran: MARTÍNEZ, Florentino García. *Textos de Qumran, Edição Fiel e Completa dos Documentos do Mar Morto*. Petrópolis: Vozes, 1995. Os textos citados de 1QHodayot (ou 1QHinos de Ação de Graças) são pertencentes à recomposição feita por Émile Puech, que é a utilizada por Martínez em sua tradução. Anterior à publicação de Puech existe a *editio princeps* de Eleazar Lipa Sukenik, que possuía erros que ele mesmo reconheceu posteriormente. Sua numeração dos hinos de 1QH é diferente da que Puech adotou que por sua vez é a que sigo com a tradução de Martínez.

8 Não há a intenção de mostrar a *pobreza* somente ligada ao lado material. Se assim fosse, resultaria no emprego de um outro termo, como *dal*, utilizado diversas vezes no Antigo Testamento para retratar a falta de meios econômicos (Levítico 14:21; Isaías 25:4; Jeremias 5:4; Amós 5:11 etc.).

analisados isoladamente – pode trazer alguma luz na comparação de doutrinas. Para que se compreenda melhor isso, utilizo como exemplo o termo hebraico *'anaw* (*humilde* – conhecido por Paulo) somado ao contexto de alguns versículos paulinos. Tanto no Antigo Testamento como nos MQ o termo possui o mesmo sentido que em Paulo quando faz sua polarização entre *bondade* e *maldade*. Ao aconselhar os colossenses a revestirem-se de “*entranhas de misericórdia, de benignidade, de humildade, de modéstia, de paciência*” (3:12), Paulo não deixa de destacar o lado oposto, retratado por más qualidades como “*a fornicação, a impureza, a lascívia, os desejos maus e a avareza*” (3:5), atributos que existem “*só para a satisfação da carne*” (2:23), algo contrário ao espírito de humildade.

A relação entre esses termos em Qumran, particularmente entre *pobres* e *humildes*, é intrínseca. Segundo Lohfink (2001, p. 42)

[...] não há dúvida de que as palavras para pobreza em Qumran não significam só privação física, ser oprimido, ser perseguido. Incluem ao mesmo tempo que essa sorte é aceita perante Deus; mais, que pode valer como verdadeira expressão daquilo que o homem é em relação a Deus: nascido do pó. Nesse sentido o seu significado estende-se até à palavra ‘humildade’.

O mesmo pode-se dizer em Paulo. O arcabouço léxico com termos relacionados à *pobreza* e a forma como ele desenvolve este conceito mostra que suas raízes apresentam traços sectários.

Outra doutrina paulina sempre já estudada por alguns autores é a da *justificação*. Os hinos qumranicos expressam muito bem a base desse conceito que Paulo se apropriou e desenvolveu à sua maneira. Encontramos no texto 1QHodayot 15:26-33 um importante precedente da *justificação* paulina:

Eu te louvo, ó Adonai!
 Porque me ensinaste a tua verdade
 e me fizeste conhecer os mistérios do teu poder maravilhoso,
 e o teu amor ao homem pecador,
 e a tua rica misericórdia para com os perversos de coração.
 Quem é como tu entre os deuses, ó Adonai?
 E quem é comparável à tua verdade?
 E quem pode ser declarado justo perante ti, quando julgado?
 E não há ninguém que possa responder à tua acusação, toda glória é vento,
 e ninguém pode resistir diante de tua sabedoria.
 Mas todos os filhos da tua verdade, através do perdão tu os levas à tua presença,
 para purificá-los dos seus pecados na tua rica bondade e na abundância da tua misericórdia colocá-los em tua presença por toda a eternidade.
 Pois tu és um Deus eterno,
 E todos os teus caminhos estão firmes para todo o sempre,
 e não há ninguém fora de ti.
 E o que é este homem do caos e Senhor do sopro do vento para compreender as obras do teu poder maravilhoso, os grandes? ⁹

O tema *justificação* é facilmente observado no decorrer do hino. A forma de se expressar do autor, como se estivesse conversando diretamente com Deus, procura demonstrar sua pequenez frente a Este. Ao mesmo tempo em que o autor se refere a atributos de Deus como “*tua verdade*”, “*tua misericórdia*”, “*tua sabedoria*” (cuja importância para a justificação do homem é imprescindível); refere-se a si mesmo como sendo um “*homem pecador*”.

A salvação para os habitantes de Qumran era possível graças à *ratson*, ou seja, a “*complacência*” ou “*benevolência*” de Deus para com os desmerecidos desse favor. Enquanto Deus é onipotente, o homem por um outro lado é dependente da vontade divina.

A doutrina da *justificação* em Qumran servirá como matriz palestina para Paulo. Por exemplo, a expressão *mi yitsdaq lepaneka beyissapetô* (*quem pode ser declarado justo perante ti, quando julgado?*) encontrada no hino acima, pode ser considerada como base para a *justificação* paulina. Embora possuam o mesmo sentido, o desdobramento dessa doutrina em Qumran possui uma diferença significativa – é voltada para a Lei. O julgamento de Deus para com o sectário será bom; desde que ele não se desvie do “*caminho da luz*”. Nas palavras do próprio poeta qumranico: “*se eu tropeçar por causa de um pecado da carne, meu julgamento será conforme a justiça de Deus*” (1QRegra da Comunidade 11:12, trad. de Fitzmyer).

Não surpreende o fato de a *justificação*, como descrita nos hinos de Qumran, remeter à Lei como quesito principal para a salvação. Para alguém que possui um conhecimento razoável dos textos normativos de Qumran, fica fácil compreender que um desvio simples de conduta entre os sectários resultava em punição na comunidade. O “*tropear por causa de um pecado da carne*” era cometer um desvio da Lei, algo que ainda assim poderia ser desconsiderado no Dia do Juízo de Deus graças à sua benignidade, caso houvesse o arrependimento do transgressor e este voltasse a andar segundo as prerrogativas da comunidade.

Mesmo vindo em Paulo grande semelhança com a *justificação* sectária, é evidente que o apóstolo não conservaria a Lei como em Qumran; pois segundo ele, os homens “*são justificados gratuitamente, por sua graça... realizada em Cristo Jesus*” (Romanos 3:24). Paulo possuía uma preocupação muito grande com temáticas relacionadas à Lei, demonstrando isso a partir de suas cartas aos cristãos coríntios (SCHNELLE, 1999, p. 55). Porém, em sua doutrina da *justificação*, Paulo não se mostrava preocupado em sua relação com a Lei da mesma forma como Qumran. Por isso, da relação existente entre a *justificação* e a Lei na seita, só a primeira o teve utilidade.

Esse é um dos motivos de a *justificação* em Paulo não poder se associar por completo à noção sectária de Qumran. Na seita, o ponto norteador da *justificação* é a *'emunah* (*fidelidade*) à

⁹ Neste texto sigo a tradução e a disposição em estrofes proposta por Lohfink. Assim, ignoro a divisão dos versículos que ocorrem entre as estrofes, tentando com isso seguir a ordem que seria a mais “original” e ao mesmo tempo dando melhor sonoridade ao hino (LOHFINK, 2001).

Lei. Já em Paulo, isso recebe uma transformação, adquirindo um sentido teológico mais complexo, tornando-se a *fé* em Cristo (FITZMYER, 1997, p. 140). A diferença central no papel da *justificação* em Paulo ocorre pelo advento de Cristo (Romanos 4:24-25) e a necessidade da fé nele (Efésios 2:8).

Estas doutrinas vistas acima, de forma superficial ou incisiva estão calcadas sob uma doutrina bem mais ampla conhecida como *dualismo*. O dualismo entre o *bem* e o *mal* serve de alicerce para outras doutrinas e conceitos tanto em Qumran como em Paulo. Além dos que são bem visualizados dentro dos escritos hinários da comunidade como os apresentados acima, vemos outros como o de *Nova Aliança*,¹⁰ a *eleição divina*,¹¹ a oposição *carne/espírito*; conceitos que não são plenamente definidos entre os hinos de Qumran, mas que como os mais destacados, possuem base dualista.

Deparamo-nos com um grande problema ao analisarmos o dualismo de Qumran comparado aos que são conhecidos do período intertestamentário. A semelhança com os dualismos gregos e gnóstico (espírito/matéria) é considerável. Pode-se destacar como maior diferença o fato de em Qumran não haver o desprezo pelo material como ocorria nas outras correntes dualistas, já que para Qumran a matéria era criação divina e por isso digna de louvor. Para os gregos e gnósticos, pelo contrário, a matéria era desprezível. Como admitiu Flusser, “*não se pode negar, é claro, que ambas as visões são muito semelhantes, e quase idênticas em suas consequências morais e práticas*” (2000, p. 79). Uma análise profunda das diferenças e semelhanças entre os dualismos do século I sem dúvida mereceria uma atenção maior, podendo ser trabalhada em outro momento. Por sua vez, para que os paralelos sejam mais fidedignos, os exemplos usados aqui limitam-se àqueles de origem claramente palestina.

O texto de 2 Coríntios 6:14-7:1, é uma referência muito boa quando se usa a delimitação acima citada. Diz-nos:

Não formeis parilha incoerente com os incrédulos. Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade? Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas? Que acordo entre Cristo e Beliar? Que relação entre o fiel e o incrédulo? Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos? Ora, nós é que somos o templo do Deus vivo como disse o próprio Deus: Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Portanto, sai do meio de tal gente, e afastai-vos, diz o Senhor. Não toques o que seja

impuro, e eu vos acolherei. Serei para vós um pai, e serei para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso. Caríssimos, de posse de tais promessas purifiquemo-nos de toda mancha da carne e do espírito. E levemos a termo a nossa santificação no temor de Deus.

Essa perícopes condensa bem e reflete melhor do que qualquer outro trecho a proximidade com dualismo essencial.¹² É destacado o dualismo entre *justiça e impiedade, luz e trevas, Cristo e Belial*; por isso, acaba sendo uma passagem-chave para comparação com textos qumranicos.

Os escritores qumranicos não fugiam desse prisma, pelo contrário; de forma bastante clara enfatizavam o dualismo em seus escritos. “*Tu instruis o teu servo [...] dos espíritos do homem, porque de acordo com os espíritos os designas entre o bem e o mal*” (1QHodayot 6:11). São vários os textos qumranicos que como esse, procuram dividir o mundo em dois blocos. Em um muito parecido com o de coríntios, 1QManuscrito da Guerra 13:1-4, temos uma fórmula similar, contando apenas com a óbvia ausência da figura de Cristo.

E bendirão de suas posições ao Deus de Israel e todas as obras de sua verdade, e execrarão ali a Belial e a todos os espíritos de seu lote. Tomarão a palavra e dirão: ‘Bendito seja o Deus de Israel em todo o seu desígnio santo e nas obras de sua verdade, e bendito todos os que lhe servem em justiça, os que o conhecem na fé. Maldito seja Belial em seu desígnio hostil, seja execrado por seu domínio ímpio. Malditos sejam todos os espíritos de seu lote em seu desígnio’.

O texto de coríntios apresenta uma inegável inspiração judaica. Certamente esse texto de 1QManuscrito da Guerra ou outro similar foi conhecido por Paulo e ajudou-o a configurar sua doutrina por uma nova perspectiva.

Já em 1QRegra da Comunidade 3:19-22, vemos como o poeta qumranico consegue (com toda beleza literária possível!) apresentar seu conceito dualista com clareza:

Do manancial da luz provêm as gerações da verdade, e da fonte das trevas as gerações de falsidade. Na mão do Príncipe das Luzes está o domínio sobre todos os filhos da justiça; eles andam por caminhos de luz. E na mão do Anjo das trevas está todo o domínio sobre os filhos da falsidade; eles andam por caminhos de trevas. Por causa do Anjo das trevas se extraviam todos os filhos da justiça, e todos os seus pecados, suas iniquidades, suas faltas e suas obras rebeldes, estão sob o seu domínio.

10 O conceito de *Nova Aliança* é claramente baseado na profecia de Jeremias (31:31-32), que diz: “*Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito, porquanto eles anularam minha aliança*”. Em Qumran, a comunidade assumiu a responsabilidade ao se considerar a *Nova Aliança*, algo bem demonstrado pelo Documento de Damasco (6:19; 8:21; 20:12). Paulo, com palavras semelhantes faz o mesmo (1Coríntios 11:25; 2Coríntios 3:6, 14; Gálatas 4:24-31 etc.). A diferença entre a forma como estes conceitos são trabalhados refere-se aos aspectos social e teológico. Segundo Flusser, enquanto “*para a seita, a aliança tem um aspecto prático e cerimonial*” – e em menor grau, teológico –, “*no cristianismo, o aspecto social é mais fraco e o aspecto teológico é intensificado por seus vínculos com a cristologia*” (2000, p. 67). O autor de hebreus também dá destaque a essa *Nova Aliança* (Hebreus 8:6-13).

11 A idéia de *eleição (behiri)* divina também é encontrada em escritos hinários (1QHodayot 10:13), embora receba maior destaque nos livros normativos. No Novo Testamento, essa doutrina é própria a Paulo. As citações em outras epístolas parecem se dar por influência das idéias paulinas.

12 Deve-se levar em consideração o possível problema que cerca sua autoria. Para alguns, ele parece ser uma interpolação feita posteriormente por um outro autor que não Paulo (FITZMYER, 1997, p. 143). Mesmo que assim tenha sido, as idéias encontradas no texto refletem as conhecidas nas epístolas paulinas, tendo sido a inserção feita por alguém pertencente a uma escola paulina.

Pelo modo de ver qumranico, a parcela pertencente ao *bem*, que estava sob o *domínio das luzes* e que por esta *caminhava* eram os próprios habitantes de Qumran.

O livro 1QHodayot é repleto de expressões características ao *dualismo*. A palavra *Belial* (*beli'al*), por exemplo, que se refere a uma entidade representante do *mal* na literatura qumranica, é encontrada em 11:28,32; 12:12,13; 13:26,39.¹³ Outra que apresenta um simbolismo bastante explorado em Qumran é *luz* (*'or*). Ela é usada muitas vezes em contraposição à palavra *trevas*, empregada com bastante ênfase para reforçar a desarmonia entre os dois lados (1QHodayot 17:26). O termo também é usado em livros do Novo Testamento e apresenta um desenvolvimento particular e significativo nos escritos joaninos (João 1:5; 3:19; 1João 1:5,7; 2:8-10 etc.). Nas epístolas paulinas podemos encontrá-lo em vários lugares (e.g., 1 Tessalonicenses 5:5; 2 Coríntios 11:14). Tão importante quanto os já citados, o termo *espírito* (*ruah*) possui enfoque importante na literatura qumranica. Quando está associado a uma outra palavra pode-se perceber com maior facilidade o objetivo de seu uso. Os exemplos mais frequentes são “*espírito da carne*” (1QHodayot 5:19), “*espírito de perversão*” (1QHodayot 5:21), “*espírito de santidade*” (1QHodayot 8:10,11,15), “*espírito santo*” (1QHodayot 8:20), e “*espírito de erro*” (1QHodayot 9:22). Nos livros paulinos estes termos também são encontrados, muitas vezes refletindo o *dualismo* como na literatura de Qumran (2 Coríntios 2:12-15).

4 Conclusões

As doutrinas aqui citadas, além da série de termos de grande importância teológica, demonstram o quanto o cristianismo nascente foi devedor ao ambiente em que se originou. Outras vertentes do cristianismo primevo também possuem antecedentes doutrinários que podem ser encontrados entre os MQ (VIEIRA, 2008), mas uma delimitação é necessária para que se possa focar melhor suas possíveis relações. Tendo isso em vista, neste trabalho foi selecionado apenas o extrato paulino, com ênfase nas epístolas que certamente foram redigidas pelo apóstolo e seus círculos; e ainda, destacando dentro destas os ensinamentos que são próprios da Palestina.

O fato de Paulo ter tido contato com comunidades religiosas antes de sua conversão possui um significado muito forte. As primeiras comunidades cristãs abarcavam com pessoas advindas de lugares e com experiências religiosas diversas. Além de Qumran, as comunidades essênias estavam espalhadas por toda a Palestina, local em que se originaram as primeiras comunidades cristãs. Tendo Qumran como um centro essênio no início do século I e as outras comunidades essênias interligadas a este pólo letrado, facilmente parte de seus princípios teológicos chegariam ao conhecimento de comunidades de outra natureza. Aos poucos, comunidades cristãs viriam a entrar em contato com princípios teológicos essênios e passariam também a promover o que haviam recebido. Paulo não necessariamente teve contato direto com os essênios (o que não seria difícil de aceitar), mas que certamente adquiriu

parte de seu conhecimento com as comunidades cristãs que por sua vez haviam construído sua estrutura teológica abarcando com princípios essênios não há dúvida.

A literatura hinária de Qumran pode ser encarada no presente como um caminho para a compreensão de como alguns elementos, principalmente literários e teológicos, vieram a ser inseridos em algumas comunidades cristãs – além de aumentar nosso conhecimento sobre a própria comunidade de Qumran. Não só o estrato paulino pode ser avaliado sob luz da literatura hinária qumranica, mas com os cuidados necessários, outras porções do Novo Testamento também podem se utilizar desse viés.

Referências

- BERGER, K. *Qumran e Jesus: uma verdade escondida?* Petrópolis: Vozes, 1994.
- CROSS, F.M. *The ancient library of Qumran*. Great Britain: Lowe & Brydone, 1958.
- FITZMYER, J.A. *101 perguntas sobre os manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Loyola, 1997.
- FLÁVIO JOSEFO. *Jewish Antiquities*. Harvard University Press, 1965. Edição bilingüe grego/inglês.
- FLUSSER, D. *O judaísmo e as origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- GOLB, N. *Quem escreveu os manuscritos do Mar Morto? A Busca do Segredo de Qumran*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GOULDER, M. *As epístolas paulinas*. In: ALTER, R.; KERMODE, F. (Org.) *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- LOHFINK, N. *Hinos dos Pobres*. São Paulo: Loyola, 2001.
- MARTÍNEZ, F.G. *Textos de Qumran, edição fiel e completa dos documentos do Mar Morto*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARTÍNEZ, F.G.; BARRERA, J.T. *Os homens de Qumran. Literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- NOGUEIRA, P.A.S. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- PIXLEY, J. As epístolas paulinas: de cartas ocasionais a Sagrada Escritura. *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 42/43, 2002.
- RICHARD, P. As diversas origens do cristianismo. Uma visão de conjunto (30-70 d.C.). *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 22, 1995.
- ROCHA, I.E. *Práticas e representações judaico-cristãs*. Assis: FCL, 2004.
- SCHNELLE, U. *A evolução do pensamento paulino*. São Paulo: Loyola, 1999.
- SHANKS, H. (Org.). *Para compreender os manuscritos do mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- VERMES, G. *Os manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Mercury, 1997.
- VIEIRA, F.M. *Os manuscritos do mar Morto e a gênese do cristianismo*. 2008. Dissertação. (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis.
- WOODRUFF, A.M. *A igreja pré-paulina*. *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 22, 1995.

13 Todas estas passagens encontradas em 1QHodayot retratam Belial com o mesmo sentido que é dado por Paulo no texto aos coríntios.